

DO QUINTAL À RUA

Territorialidades dos saberes medicinais com plantas em Goiânia

FROM HOME GARDENS TO THE STREET
Territorialities of Medicinal Plant Knowledge in Goiânia

Gabriel Aires Peixoto de Lima¹ e Adriana Mara Vaz de Oliveira²

Resumo

Este artigo investiga as territorialidades dos saberes medicinais com plantas em Goiânia, analisando sua reconfiguração do quintal à rua. A pesquisa etnográfica concentrou-se em quintais domésticos e no comércio de rua no Centro de Goiânia, envolvendo observação participante, entrevistas semiestruturadas e etnografia visual com participantes como raizeiras e comerciantes. Os resultados revelam um espectro de práticas de resistência e adaptação. O quintal se afirma como um microterritório de memória e refúgio, enquanto a rua se mostra um espaço de multiterritorialidades, cujas identidades dos sujeitos são marcadas pela lógica da economia informal e pela fragmentação do conhecimento. Conclui-se que tais saberes não desaparecem, mas se reinventam em uma luta por espaço, produzindo ativamente novas territorialidades na cidade contemporânea.

Palavras-chave: práticas tradicionais; remédios naturais; Centro de Goiânia; quintais; etnografia urbana.

Abstract

This article investigates the territorialities of medicinal plant knowledge in Goiânia, analyzing its spatial reconfiguration from the domestic realm to the street. The ethnographic research focused on home gardens (quintais) and street commerce in Downtown Goiânia, employing participant observation, semi-structured interviews, and visual ethnography. Interlocutors included traditional healers (raizeiras) and street vendors. Results reveal a spectrum of resistance and adaptation practices. The home gardens asserts itself as a micro-territory of memory and refuge, whereas the street emerges as a space of multi-territorialities where subject identities are shaped by the logic of the informal economy and knowledge fragmentation. The study concludes that such knowledge does not disappear but is reinvented through a struggle for space, actively producing new territorialities in the contemporary city.

Keywords: traditional practices; herbal remedies; Downtown Goiânia; backyards; urban ethnography.

Introdução

Os saberes medicinais associados às plantas são um patrimônio cultural dinâmico, transmitido por gerações através de figuras como avós, raizeiras³, curandeiras, comerciantes, entre outras (Lima, 2025). Longe de serem estáticos, esses conhecimentos são dinâmicos, propagados pela oralidade, por práticas simbólicas e por uma constante resignificação no cotidiano. Eles transcendem a dimensão puramente funcional do uso terapêutico, revelando concepções de mundo, valores e relações socioespaciais que conectam passado, presente e futuro (Gonçalves, 2010). A motivação para esta pesquisa⁴ emerge de uma trajetória pessoal, iniciada na infância ao observar minha avó materna, Marisa Aires Bento, em seu quintal. Esse quintal, mais do que um espaço físico, configurava-se como o primeiro território de aprendizado, um microcosmo onde a relação entre cuidado, natureza e ancestralidade se materializava. Ali, seus gestos de cuidado com a saúde, baseados em um saber empírico herdado de sua própria mãe na zona rural do Tocantins, plantaram a semente de uma crença profunda no poder curativo da natureza.

Apesar da sua relevância, o estudo desses saberes é predominantemente abordado pelas ciências biológicas e da saúde, que focam nos princípios ativos e no manejo das espécies. Observa-se, contudo, uma lacuna significativa no campo da arquitetura e do urbanismo. A presente investigação justifica-se, portanto, pela necessidade de articular a teoria e história da cidade a essas práticas culturais, investigando como as paisagens urbanas incorporam, transformam e, por vezes, suprimem tradições integradas à natureza. A ênfase recai, portanto, na dinâmica viva desse saber e em sua relação intrínseca com os territórios onde ele é vivido e transmitido. O estudo dessas territorialidades é fundamental para compreender como os saberes populares com plantas produzem e resignificam a cidade. Portanto, busca-se investigar como esses conhecimentos circulam, se adaptam e se manifestam na paisagem urbana.

O território é aqui compreendido como um espaço cuja configuração e limites são um produto direto das relações de poder, sendo, por isso, constantemente moldado pelas dinâmicas sociais, políticas e econômicas em jogo (Souza, 1995). Assim, a territorialidade emerge como sua dimensão vivida, praticada e simbólica. Trata-se de uma estratégia espacial que abrange não apenas o controle, mas também as relações afetivas e de pertencimento que os sujeitos estabelecem com os lugares, ou seja, o conjunto de relações sociais que lhes conferem sentido. Este conceito é inerentemente dinâmico, um mesmo espaço urbano pode abrigar múltiplas e sobrepostas territorialidades, como as do comércio, da religião ou de diferentes grupos sociais, que podem, inclusive, ser cíclicas, alterando-se ao longo do dia.

Para analisar as práticas de atores específicos como os investigados nesta pesquisa, o conceito de microterritorialidade como resultado de comportamentos táticos e estratégicos é particularmente relevante, pois se volta para a apropriação de espaços em menor escala por grupos não institucionais, movidos por afetos e subjetividades (Fortuna, 2012; Costa, 2005). Compreende-se, assim, que as territorialidades estão em constante reconfiguração, moldadas por processos de desterritorialização, ou seja, a perda de vínculos com o território, como a diminuição dos quintais e reterritorialização, a reconstrução desses laços em novos contextos, como a rua.

¹ Mestre em Projeto e Cidade (FAV/UFG, 2025), Arquiteto e Urbanista (UFG, Câmpus Goiás, 2022) e Artista multidisciplinar. E-mail: olaclemente@gmail.com.

² Doutora em História (UNICAMP, 2004), Mestra em História das Sociedades Agrárias (UFG, 1999) e Arquiteta e Urbanista (PUC Goiás, 1985). Professora do curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAV/UFG) e do Programa de Pós-Graduação em Projeto e Cidade (FAV/UFG). E-mail: amvoliveira@ufg.br.

³ O ofício de raizeira envolve o saber-fazer de identificar, cultivar e processar plantas medicinais, incluindo coleta, armazenamento e conservação até o diagnóstico de enfermidades e a formulação ou recomendação de tratamentos, podendo ou não haver a comercialização de seus preparos.

⁴ O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado do autor, defendida em 2025.

Destarte, não existe processo desterritorializador completo, pois os seres humanos não zeram a sua história, a sua memória, a sua cultura. Eles as carregam consigo e, ao ocupar outros territórios, se adaptam, interagem e se integram por meio das relações sociais e, por conseguinte, se reterritorializam (Pelá e Chaveiro, 2009, p. 163).

O cenário desta investigação é Goiânia, uma capital planejada sob o signo da modernidade para romper com a tradição rural de Goiás (Mello, 2006). No estado de Goiás, a fundação de Goiânia representou um marco modernizador, projetado para romper com a ruralidade e transformar costumes e modos de vida (Mello, 2006). No entanto, a modernização não suprimiu totalmente o tradicional. Elementos do passado foram ressignificados, gerando o que Pelá e Chaveiro (2009, p. 163) descrevem como um “confronto diário entre o tradicional e o moderno, o local e o global, como existe, também, a fusão desses elementos em determinados momentos”. Apesar de seu planejamento modernista e sua escala metropolitana, Goiânia preserva em sua paisagem urbana e em suas práticas cotidianas um forte vínculo com suas raízes rurais. Símbolos da cultura sertaneja persistem na paisagem, criando “ruralidades urbanas” que desafiam a dicotomia entre campo e cidade.

Finalmente, um novo campo de símbolos, de sentidos de vida e de significações do mundo (de “racionalidades”, em Milton Santos) se sobrepõe, *tornando artificialmente “moderno” o que era “tradicional” e transformando em folcloricamente “típico” o que antes fora “próprio”* (Brandão, 2007, p. 60, grifo nosso).

Anthony Giddens (1991) descreve o conceito de *desencaixe* como a vida moderna afasta as práticas de seus contextos locais por meio de *fichas simbólicas*, como o dinheiro ou as credenciais de sistemas peritos, por exemplo. Em contrapartida, o *reencaixe* refere-se à reapropriação e reconstrução da confiança em interações diretas e localizadas. Conforme aponta Giddens (1991), esses mecanismos de desencaixe coexistem com os processos de reencaixe, e é nesse diálogo que as práticas tradicionais são constantemente reapropriadas e adaptadas na cidade contemporânea.

É nesse contexto que os saberes sobre plantas medicinais se territorializam, movendo-se do espaço privado do quintal para a esfera pública da rua. Para analisar esse fenômeno em Goiânia, partimos da premissa de que a paisagem não é um cenário estático, mas um palimpsesto de rastros e memórias que revelam sua espessura simbólica e material (Besse, 2014). Ela é o resultado das práticas e intervenções de múltiplos atores, um repertório de possibilidades e obstáculos em constante processo (Magnani, 2009). A comercialização de ervas no espaço público representa um exemplo da reconstrução de relações sociais em torno do conhecimento tradicional. A compra de uma planta medicinal transcende a simples transação comercial, envolvendo troca de saberes, aconselhamento e a construção de laços de confiança.

A observação das práticas de cura no âmbito privado suscita o questionamento central deste estudo: analisar como os saberes tradicionais com plantas são reconfigurados socioespacialmente ao transitarem do quintal doméstico para o espaço público da rua. Para tanto, o artigo se debruça sobre a paisagem urbana de Goiânia, com foco etnográfico no contraste entre o quintal, como território de memória e cultivo, e o comércio popular de ervas e remédios naturais⁵ no bairro Central, como espaço

5 O termo *remédio natural* é adotado para se referir a preparos medicinais como garrafadas, xaropes, infusões e pomadas, obtidos a partir de ingredientes vegetais (raízes, folhas, entrecascas, flores, sementes, entre outros) que passam por mínima ou nenhuma alteração química em sua produção.

de circulação e ressignificação. Por meio dessa análise, busca-se compreender as transformações culturais e as dinâmicas que emergem da interação entre cidade, natureza e tradição.

A construção do campo: experiências, narrativas e imagens

Para investigar as territorialidades dos saberes medicinais na paisagem urbana de Goiânia, este estudo adota a abordagem etnográfica. O objetivo é compreender, a partir da perspectiva de Magnani (2009, p. 107), a *trama que sustenta a dinâmica urbana*, composta pelos atores sociais e suas práticas cotidianas⁶. A pesquisa compreende que esses saberes são construídos e difundidos na troca com o outro, isso implica conhecer as vozes que experienciam a paisagem estudada e as manifestações vivas que são negligenciadas no fazer-se ouvir ou que sofrem tentativas diretas de se fazerem silenciadas.

Em vez de buscar um princípio de ordem único, o estudo valoriza o reconhecimento de *centralidades* e *múltiplos ordenamentos* na cidade, alinhando-se a autores como Clifford e Marcus (2016), que destacam a natureza fragmentária da própria etnografia. Para dar conta dessa complexidade, adotou-se o olhar *de perto e de dentro* proposto por Magnani, que se desdobra em campo na modalidade *de passagem*, que consiste em “percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz” (Magnani, 2009, p. 106-107). O mesmo autor completa:

A incorporação desses atores e de suas práticas permitiria introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade, para além do olhar “competente” que decide o que é certo e o que é errado e para além da perspectiva e interesse do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo (Magnani, 2002, p. 15).

A partir do aprofundamento teórico, reconhecem-se as dinâmicas de gênero que historicamente associaram o saber feminino ao cuidado familiar e o masculino à esfera comercial (Viu, Viu e Campos, 2010). Com base nessa constatação, o estudo prioriza as narrativas femininas, em uma escolha metodológica que busca contrapor o apagamento histórico de vozes que, embora centrais na manutenção dessas práticas na dimensão doméstica, são frequentemente marginalizadas nos espaços de maior visibilidade comercial.

O bairro Central de Goiânia é escolhido como recorte inicial de estudo em função de sua relevância como espaço de preservação de tradições culturais (Mahler e Mello, 2020) e pela concentração de pontos de comercialização de ervas e remédios naturais em suas ruas, conforme identificado por Machado (2008). A aproximação com os sujeitos foi construída gradualmente ao longo de diversas visitas ao bairro, em dias e horários alternados, utilizando conversas informais para buscar recomendações e indicações de plantas, espaços ou pessoas ligadas a esse universo.

Contudo, logo se percebeu que manter o foco apenas nos espaços de comercialização, embora explicasse como o saber se manifesta nos espaços públicos, não responderia a questões cruciais sobre como ele resiste para além da relação comercial. Percebeu-se

6 A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 78628124.8.0000.5083 e o Parecer nº 6.843.461.

que, apesar de o comércio urbano facilitar o acesso a esses saberes, algo fundamental se perdia e era naturalizado nesse processo: a desconexão com a natureza, que tradicionalmente assenta e permite a manutenção desse conhecimento. Essa constatação levou ao surgimento de novas perguntas: quem são os consumidores e por que mantêm esses costumes? Em quais outros espaços essas plantas se espacializam e criam relações em torno de seus usos?

Ficou evidente que esse saber e suas práticas se perpetuam por meio de outros agentes e em outros locais, de forma muitas vezes sutil, cotidiana e discreta, deixando pistas de sua existência que acompanham a paisagem urbana. Percebeu-se que essas práticas resistem através de sujeitos que, motivados por sua importância cultural, simbólica e para a saúde, se esforçam para mantê-las vivas, criando espaços próprios para esse conhecimento, como os quintais. Foi nesse contexto que, a partir do grupo de voluntários do evento RAÍZES (Grande Encontro de raizeiros, parteiras, benzedadeiras e pajés na Chapada dos Veadeiros/GO), chegou-se à indicação de Maria Ferreira de Sousa. Reconhecida como uma referência no bairro Vila Itatiaia, onde mora, por seu quintal de plantas medicinais, ela se tornou uma interlocutora central para a investigação da dinâmica desses espaços.

A coleta e produção de dados baseou-se em técnicas qualitativas, com foco na oralidade e na visualidade. O pilar da pesquisa foi a realização de entrevistas semiestruturadas, guiadas por um roteiro flexível e organizado em eixos temáticos, abordando: a) a história de vida do interlocutor e seu primeiro contato com as plantas; b) os modos de obtenção, preparo e uso; c) a descrição dos espaços de prática e comercialização; e d) as percepções sobre as transformações desses saberes no contexto urbano. Atuando como mediador, o pesquisador utilizou a escuta atenta aos relatos, gestos e trocas informais como ferramenta crucial para aprofundar a compreensão das trajetórias de vida e das conexões entre memória e espaço que habitam. A oralidade, portanto, foi o principal meio para acessar as narrativas que estruturam esses saberes (Eckert e Rocha, 2008).

Aliada a essa escuta etnográfica, utiliza-se da etnografia visual, com a produção de fotografias e desenhos. Longe de serem meros registros, as imagens atuam como ferramentas de produção de conhecimento, buscando tornar visíveis as dimensões sensíveis e estéticas da paisagem, dos gestos e dos artefatos que o texto por si só não expressa (Lotierzo e Hirano, 2023). A combinação dessas abordagens permitiu, assim, uma apreensão mais densa da paisagem estudada, articulando a dimensão narrativa com a material e sensível. É precisamente nessa articulação que a etnografia urbana se revela como uma ferramenta contra lógicas excludentes, ao visibilizar conhecimentos e práticas marginalizadas.

O quintal: território de memória, cuidado e resistência

O quintal, no contexto brasileiro, transcende a definição de mero espaço físico para se firmar como uma extensão orgânica da casa e um palco central das práticas cotidianas, das relações sociais e de trabalho, especialmente entre os séculos XVI e XVIII (Dourado, 2004). Historicamente, consolidou-se como um ambiente essencial para a subsistência familiar, abrigando hortas, pomares e, crucialmente, as ervas medicinais que constituíam o principal recurso de saúde para a maioria da população (Ribeiro, 1999). Este espaço, portanto, é um território denso em memória coletiva, onde os saberes sobre o cultivo e o uso das plantas são transmitidos entre gerações, ancorados nos gestos, objetos e no próprio solo (Halbwachs, 2003).



Essa transmissão de conhecimento, majoritariamente oral e familiar (Amaral, 2024), tem sido historicamente protagonizada por mulheres, a quem a divisão social do trabalho atribuiu o papel de cuidadoras da saúde do lar (Federici, 2017; Viu, Viu e Campos, 2010). No quintal, elas não apenas cultivam plantas, cultivam também a vida, a saúde e fortalecem suas identidades culturais. A figura de quem cuida desses espaços se alinha à perspectiva do paisagista Gilles Clément (2024), que descreve o jardineiro como um mediador que observa e colabora com a dinâmica da natureza, em vez de dominá-la. O quintal torna-se, assim, uma paisagem subjetiva, carregada de lembranças e de um conhecimento prático, adquirido pela experiência e pela interação constante com o *gênio da natureza* (Clément, 2024).

Contudo, na paisagem urbana contemporânea, o quintal enfrenta os desafios da modernidade. A especulação imobiliária reduz sua área, e a lógica de consumo industrializado ameaça sua função de provisão. Mesmo assim, ele persiste como um ponto de *reencaixe* (Giddens, 1991) de práticas ancestrais que resiste no coração da metrópole. O quintal representa, no âmbito doméstico, “uma possibilidade de contato com a natureza” (Tourinho e Silva, 2016, p. 650). Para investigar essa dinâmica, a pesquisa etnográfica se voltou para um desses espaços de resistência cultural em Goiânia.

Em uma tarde ensolarada de 16 de outubro de 2024, fui recebido no alpendre da casa de Maria Ferreira de Sousa, a Dona Mariinha, de 72 anos, no bairro Vila Itatiaia (Figura 1). Enquanto tomávamos café com um bolo de milho recém-feito, ela narrou a história de sua relação com aquele espaço, onde reside desde 1974. *Quando cheguei, não tinha nada, só capim*, lembrou (Sousa, 2024, informação verbal). Ao longo de cinco décadas, ela e a terra co-criaram uma paisagem de cura. Para ela, a máxima é simples: *quem planta, colhe*.

A trajetória de Dona Mariinha (Figura 2) exemplifica como esses saberes foram moldados pelo passado rural brasileiro, período caracterizado pela “escassez ou inexistência de atendimentos e serviços de saúde, educação, moradia, tecnológicos” (Garcia e Fagundes, 2023, p. 179). O conhecimento dela, que remonta à infância em uma chácara em São Luís dos Montes Belos/GO, foi forjado nesse contexto de

Figura 1 - Vista aérea da região da casa de Dona Mariinha, em destaque, no bairro Vila Itatiaia em Goiânia. Fonte: Google Earth (2025), com intervenção do autor.

Figura 2 - Registro analógico, Dona Mariinha em seu quintal. Fonte: Do autor, 2024.



isolamento e ausência de recursos, onde, como ela mesma relata, *tudo era tratado com remédios caseiros*. Nesse contexto, o conhecimento aplicado nos quintais é construído a partir da prática, da observação atenta, da comparação entre lugares e da troca adquirida com a experiência. Trata-se de uma abordagem que valoriza a interação e a colaboração com a natureza, em vez da dominação.

Nessas condições, as práticas tradicionais de cuidado não constituíam apenas uma herança cultural, mas representavam o principal, e muitas vezes único, recurso disponível para a sobrevivência. Assim, a dependência histórica, reforçada pela escassez, fundamenta a relevância de seu quintal hoje. O espaço doméstico e feminino se torna um exemplo vivo de como a tradição, ao chegar à cidade carregada dessa densa carga simbólica, é reinventada a cada geração para garantir não apenas a cultura, mas uma possibilidade de sobrevivência (Almeida, 2016). O quintal das casas dava suporte para a experimentação com os usos e práticas com plantas, logo, sua manutenção. O maior desafio, ao seu ver, é o desinteresse das novas gerações, que ela atribui ao *ritmo acelerado da vida urbana*.

A disposição espacial do quintal de Dona Mariinha reflete a configuração característica dos lotes urbanos no Brasil, onde, diferentemente do modelo rural, o espaço de cultivo principal localizava-se na parte posterior, resguardado do interior da quadra (Dourado, 2004). Seu terreno, de aproximadamente 224 m², materializa essa lógica (Figura 3), o jardim frontal (21 m²) funciona como um *cartão de visitas* semi-público, com plantas mais ornamentais, no caminho até o quintal posterior, dezenas de vasos espalhados. Antes mesmo de chegar aos fundos, o ar se adensa com o cheiro de terra úmida, logo seguido pelo perfume cítrico do capim-cidreira que ela amassa entre os dedos para liberar o odor. O canto dos pássaros e o encontro ocasional com algum animal reforçam a percepção do quintal como um refúgio junto a natureza na cidade.

Identificamos 37 espécies distintas no quintal, as quais ela categoriza a partir de sua própria experiência. São 19 plantas de uso medicinal prioritário (conforme Tabela 1) e 18 de uso predominantemente alimentício, como ora-pro-nóbis, gueroba, jabuticaba e taioba, embora ela reconheça que muitas delas também possuem propriedades curativas. Contudo, a presença de cada espécie transcende sua função utilitária. A gueroba, por exemplo, palmeira amarga e ícone do Cerrado e da culinária goiana,



Figura 3 - Registros analógicos dos espaços de cultivo na casa de Dona Mariinha, nos vasos distribuídos no corredor lateral e aos fundos, no quintal de terra. Fonte: Do autor, 2024.

mantém viva sua conexão com suas raízes rurais. Essa lógica se estende a todo o espaço, onde cada planta conta uma história, uma muda que foi presente de uma comadre, uma semente de mamão que brotou *por conta própria*, ou uma erva específica que evoca a memória de um remédio feito por sua mãe. O quintal se revela, assim, não como um simples conjunto botânico, mas como um mapa afetivo e cultural, onde cada planta carrega memória e afetividade.

NOME POPULAR	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO
alecrim	folha	chá	-
alfavaquinha	folha	chá	gripe
algodão	folha	chá	-
avelós	látex	diluído em água	câncer
babosa	folha	cápsulas (farinha de aveia e chia)	pele e intestino
bálsamo	folha	-	estômago
bico-de-papagaio	folha	-	-
boldo-japonês	folha	chá	estômago e dores de cabeça
cana-de-macaco	folha	chá	rins
capim-cidreira	folha	chá	-
cavalinha	folha	chá	coluna e rins
citronela	folha	chá	-
colônia	folha	chá	calmante
crajiuru	folha	-	-
erva-cidreira	folha	chá	calmante
funcho	folha	chá	gripe
hortelã-miúdo	folha	chá	estômago e gases
mastruz	folha	-	-
romã	semente	suco com uva	problemas nos ossos

Tabela 1 - Plantas medicinais cultivadas no quintal de Dona Mariinha em Goiânia/GO. Fonte: Do autor, 2025.



Com as plantas do quintal ela prepara chás, xaropes, emplastros e *garrafadas*, que considera os remédios mais potentes. Conta ainda que faz cápsulas de babosa com aveia e chia para uso próprio, e recorre ao YouTube para pesquisar sobre plantas e seus usos. Dona Mariinha não comercializa sua produção, ela a compartilha. Vizinhos, amigos e familiares a procuram para *pegar folha*, prática de troca e doação fundamental para a manutenção desse sistema de saberes (Amaral, 2024), que materializou-se ao final de nossa conversa, quando fui presenteado com uma muda de cavalinha de seu quintal (Figura 4). A circulação desse saber e das próprias plantas é o que mantém a rede viva. Ao cultivar, cuidar e compartilhar as plantas, Dona Mariinha realiza atos contínuos de territorialização, produzindo e mantendo ativamente seu quintal não apenas como um espaço de cultivo, mas como um microterritório de identidade.

Em suma, o quintal de Dona Mariinha revela um espaço muito mais complexo que uma mera área de cultivo. Ele se afirma como um microterritório de autonomia, troca e sobrevivência, demonstrando como os saberes ancestrais continuam a produzir vida na cidade contemporânea. A estratégia aqui não é a confrontação direta com a cidade, mas a criação de um espaço regido por uma lógica alternativa. Enquanto a metrópole opera no sob um tempo acelerado, seu quintal impõe uma temporalidade própria, representando uma possibilidade de uma relação não mercantil com a natureza e o cuidado. Sua prática é um microterritório de pertencimento, onde valores como a troca, a memória e a colaboração com a natureza são afirmados.

Essa autonomia, contudo, não significa isolamento. O quintal existe em um diálogo permanente e tenso com a rua, da qual também depende. Dona Mariinha, por exemplo, relata a dificuldade para encontrar certas plantas, como o poejo, o que a leva a recorrer a redes de troca ou à compra de produtos industrializados em lojas especializadas como franquias. Tal prática demonstra um engajamento inevitável com a globalização e as influências da medicina moderna, visto que “diferentes culturas se encontram, trocam informações e se influenciam mutuamente, transformando-se de forma dinâmica e apresentando novas formas de manifestações” (Di Stasi, 1995, p. 41). O quintal de Dona Mariinha, portanto, reafirma sua potência ao ser, simultaneamente, um contraponto à lógica urbana, um dependente do mercado e um parceiro de sua comunidade.

A rua como território: entre a confiança na raiz e a crença no rótulo

Quando a diminuição dos quintais desloca os saberes medicinais para a esfera pública, a rua emerge como seu novo território. Este é um espaço de tensão, onde a lógica do mercado encontra a demanda cultural e as práticas ancestrais precisam negociar sua existência. As ruas do centro de Goiânia revelam não um processo, mas um espectro de possibilidades, no caso deste recorte, duas interlocutoras, Liliane, a raizeira, e Vera (nome fictício), a comerciante que opera na lógica da cadeia industrial.

Na esquina da Rua 03 com a Avenida Goiás, eixo monumental do plano original da cidade, a banca de Liliane Dias dos Santos, 45 anos, está posicionada em um local de forte tensão simbólica, ao lado do Grande Hotel, icônico monumento moderno (Figura 05). É nessa justaposição, a tradição da raiz florescendo à sombra da história oficial, que ela me afirma “você vai conhecer a raizeira de verdade, e não o vendedor de raízes” (Santos, 2025, informação verbal). O quiosque fixo é uma banca-armário de ferro na cor verde com dimensões aproximadas de 2,5x1,5m. O estabelecimento *L&E Ervas* faz referência aos nomes de Liliane e seu marido, Edson. A raizeira conta trabalhar naquele ponto desde 1998, inicialmente vendendo seus produtos com um carrinho ambulante. Ela recorda o período em que trabalhava com o carrinho ambulante, o que envolvia guardar o carrinho ao final do dia em garagens, como uma que ela utilizou na Rua 07, entre tantas outras. Embora Liliane relate que com o carrinho *vendia mais*, ela também destaca o quão cansativo para o corpo era o esforço de empurrar a estrutura pesada diariamente, uma rotina que lhe causou lesões na coluna, ombro e joelho.

O quiosque, onde está desde 2021, pertencia anteriormente a um chaveiro. Segundo ela, o proprietário *fez questão de vender para ela* como reconhecimento pela ajuda mútua que existiu ao longo dos anos que trabalharam no mesmo espaço. A tradição do trabalho com plantas medicinais é um forte legado em sua família que ela carrega com orgulho. Liliane conta ser descendente de indígenas Tapuia, que teriam fugido para a Bahia, e também de negros, com sua família materna sendo de raizeiras e a paterna de benzedeiros. Seus avós já vendiam ervas na feira em Barreiras/BA, sua cidade de origem, aos 14 anos começou a trabalhar revendendo as plantas dos seus avós, onde *ferrava uma lona no chão e estendia as plantas*. Esse gesto de expor as plantas em esteiras evoca as descrições de Araújo (2004) das bancas dos raizeiros em 1956, em feiras na comunidade alagoana de Piaçabuçu. Como descreve Araújo (2004, p. 172, grifo nosso):

Banca não existe, mas ali no calçamento estende as esteiras, sobre elas *distribui as raízes, folhas, cascas, lascas de madeira, frutos, sementes, penas de aves, couros, escamas, enfim os remédios mágicos, religiosos e naturais usados quer na medicina mágica, religiosa ou empírica*. Aqueles que se tratam buscando na medicina empírica os remédios para seus males *têm na banca do raizeiro o pábulo para os chazinhos, mezinhas, garrafadas, lambedouros, cataplasmas, tópicos, purgantes, vomitórios, suadouros, banhos etc.*

A raizeira coleta algumas plantas diretamente da natureza e explica que, *é impossível ter todas plantas no mesmo lugar*. Em decorrência disso, ela coleta plantas medicinais em diversos locais, incluindo diferentes municípios no estado de Goiás, como Campo Alegre de Goiás, Aruanã e Hidrolândia, e em outros estados como Minas Gerais, Bahia e Tocantins. Paralelamente à coleta na natureza, ela também se dedica ao cultivo em suas próprias chácaras, localizadas em Trindade, onde cultiva arruda, guiné, erva-de-santa-Maria e quebra-pedra, e em Aruanã, ambas no estado de Goiás. Além do uso próprio e do preparo de seus remédios, Liliane também revende parte das plantas que coleta ou cultiva. Seus clientes incluem casas de raízes, lojas especializadas, raizeiros



menores e, como ela cita, algumas bancas do Mercado Central de Goiânia. Ao narrar suas práticas, ela evoca a memória de um saber empírico extenso, que considera as fases da lua e as estações, conforme descrito por Araújo (2004). A esperança na continuidade, depositada em seu filho mais novo, Edson Júnior, de 16 anos, reforça que a transmissão desse saber se dá pela imersão, pela curiosidade e pela valorização da *troca com o outro*, um propósito que transcende o comércio.

O envolvimento de Júnior com as plantas medicinais foi construído através de uma imersão precoce e contínua no ambiente de trabalho de sua mãe, quando ainda usava o carrinho, *veio com 4 meses, cresceu naquele espaço, em meio ao comércio de ervas*. Para ele, a transmissão desses saberes se dá fundamentalmente *pela prática e pela curiosidade de aprender*. Esta percepção, vinda de um jovem raizeiro, reforça a natureza eminentemente empírica e dinâmica desse tipo de conhecimento. Desde os 14 anos trabalhando ativamente com as plantas, ele internaliza e reproduz um modelo de aprendizado que valoriza a experiência direta, a observação e a iniciativa pessoal, características centrais da construção dos saberes tradicionais populares. Sua dedicação ao preparo de xaropes, um processo que aprecia por ser *longo, leva dias*, revela que o tempo de trabalho também é tempo de construção de vínculo pelos rituais.

A tática de Liliane, portanto, é sua afirmação estratégica no espaço público, visando garantir sua permanência e visibilidade. Sua apropriação do local ao longo dos anos, marcada por gestos como o plantio de árvores, transformou um ponto meramente funcional da calçada em uma microterritorialidade. Aliada a essa apropriação física, sua narrativa de se posicionar como uma *raizeira de verdade* funciona como uma tática discursiva, um ato de resistência cultural à homogeneização de um saber-fazer enraizado na experiência e no contato com a natureza (Figura 6).

A poucos quarteirões de distância, na confluência caótica da Avenida Anhanguera com a Rua 08, a experiência etnográfica muda radicalmente. A banca ambulante de Vera (nome fictício) se insere na economia informal. Seu carrinho tem média 1,00x2,50m, possui rodas, estrutura metálica e cobertura com lona azul (Figura 07). Vera geralmente alterna entre ficar sentada em um banquinho e em pé ao lado do carrinho, o que permite interagir com os transeuntes e chamar para conhecer os produtos. Sua banca



é a materialização de uma estratégia de sobrevivência nesse contexto é não possuir um ponto físico, mas a própria circulação na multidão. É um espaço efêmero que se materializa com sua chegada e se desfaz ao final do dia, uma tática de mobilidade para maximizar oportunidades em um ambiente competitivo e precário. Me recordo de vê-la naquele ponto em outros momentos, além do dia em que conversamos.

Na parte da frente ficam expostos suplementos alimentares e remédios naturais em prateleiras, enquanto insumos secos e outros produtos como buchas vegetais ficam pendurados. Já na parte de trás ficam sacos plásticos com garrafas PET e insumos secos para produção de garrafadas, que são aceitas sob encomenda. Pela posição do carrinho, os clientes se aproximam do carrinho por todos os lados. A compra é feita diretamente com ela e o pagamento pode ser feito em dinheiro, pix ou cartão. Vera trabalha comercializando remédios naturais há 20 anos e há 7 anos abandonou a prática de coletar plantas no mato, para posterior produção dos remédios, após o falecimento de seu marido. Quando questiono com quem ou onde adquiriu os conhecimentos com plantas medicinais me responde que por meio de cursos e nega ter aprendido algo com sua família nesse sentido.

A confiança não é construída sobre a história de Vera ou em seu conhecimento da planta viva, mas sim nas *fichas simbólicas* da modernidade, os rótulos industrializados. O discurso de Vera, marcado pela cautela e pelo silêncio, funciona como uma estratégia de proteção em um ambiente de vulnerabilidade à fiscalização. Suas respostas curtas e a desconfiança, aliadas ao ato de direcionar a credibilidade para as embalagens, desviam a autoridade e a responsabilidade de si mesma para a marca industrial.

Ao abandonar a coleta e revender produtos processados, Vera se posiciona como o elo final e mais vulnerável de uma extensa e, por vezes, opaca cadeia de suprimentos (Figura 08). O conhecimento sobre o ciclo completo da planta é fragmentado, e a experiência sensorial da natureza é substituída pela leitura de um rótulo. A dificuldade em aprofundar a conversa torna-se, assim, um reflexo metodológico da própria natureza impessoal de sua prática. Sua banca representa a adaptação máxima dos saberes tradicionais à lógica do mercado urbano, onde a conveniência e a percepção de segurança sanitária se sobrepõem ao conhecimento profundo da raiz.



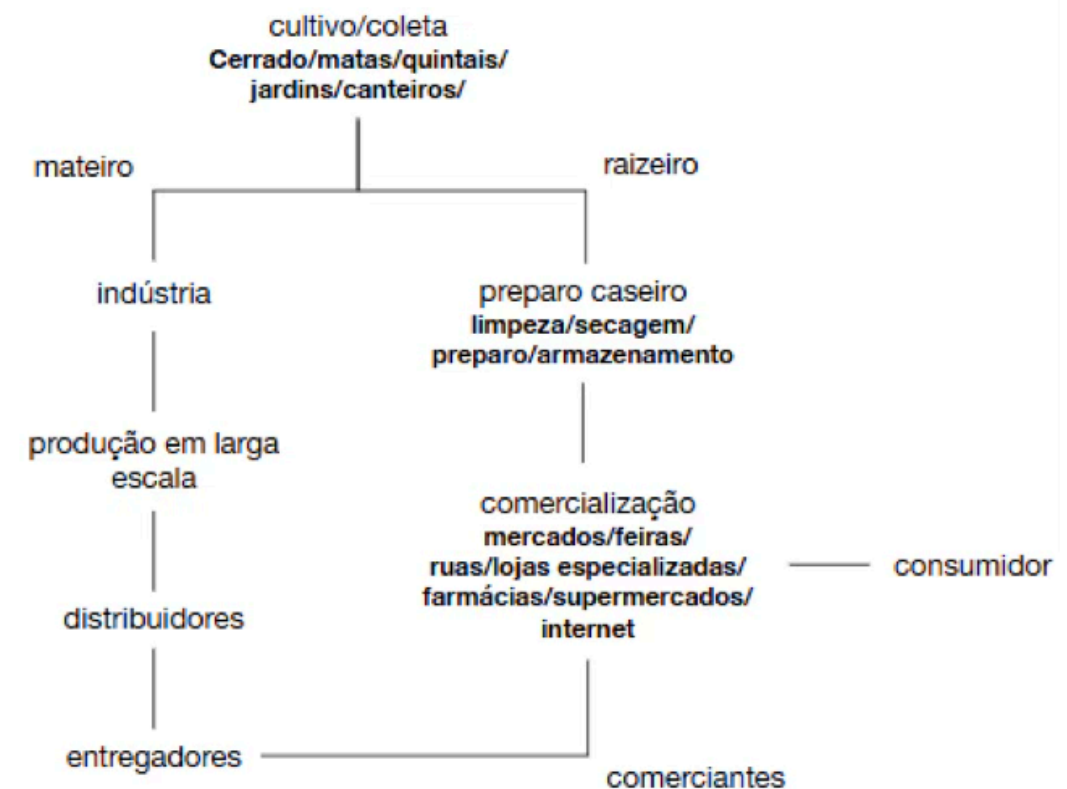
Figura 7 - Desenho a mão, carrinho ambulante da Vera, esquina da Av. Anhanguera com a Rua 08, bairro Central, Goiânia. Fonte: Do autor, 2025.

A justaposição das práticas de Liliane e Vera revela que a rua, em Goiânia, não é um cenário homogêneo. Esse contraste entre elas pode ser compreendido de forma mais profunda através do conceito de territorialidade, que define o modo como os sujeitos produzem, significam e controlam o espaço. A experiência de campo, portanto, exigiu abordagens distintas, com Liliane, uma escuta de suas narrativas e memórias, com Vera, uma observação das dinâmicas rápidas e fragmentadas do comércio de rua, onde a própria dificuldade em aprofundar a conversa se tornou um dado etnográfico relevante sobre as condições de trabalho e interação naquele espaço.

Considerações finais

Este artigo se propôs a investigar as territorialidades dos saberes medicinais com plantas na paisagem urbana de Goiânia, de suas práticas do quintal à rua. A pesquisa etnográfica revelou que, longe de desaparecerem, esses saberes se reconfiguram em um espectro de resistência e adaptação. No espaço privado do quintal, como observado com Dona Mariinha, o saber se assenta na memória afetiva, na subsistência e na troca comunitária, funcionando como um território de refúgio e resiliência. Ao se deslocarem para a rua, essas práticas se diversificam radicalmente. De um lado, emergem territorialidades, ou microterritorialidades, como a de Liliane, cuja banca-quiosque se firma como um ponto de confiança baseado em um conhecimento que vai da coleta à preparação. De outro, surgem territorialidades como a de Vera, cuja banca móvel opera na lógica da economia informal e da cadeia industrial, onde o saber sobre a planta viva é substituído pela crença no rótulo.

As ações dos praticantes, sejam vendedores ou consumidores, podem ser compreendidas como as *táticas* descritas por Michel de Certeau (2014), que operam nas brechas das *estratégias* dominantes do planejamento urbano, da regulação sanitária e da medicina científica. As táticas observadas são diversas, vão desde o ato de Dona Mariinha de cultivar um universo biodiverso em um lote limitado, passando pela tática de Liliane de plantar árvores para demarcar simbolicamente seu território na paisagem formal da cidade, até a de Vera, que muda a posição de sua banca em busca dos melhores fluxos de pedestres. Este trabalho, ao iluminar as táticas dos praticantes na produção de seus territórios, problematiza quais práticas e saberes a cidade formal reconhece e legitima, e quais ela relega à informalidade ou à invisibilidade.



Enquanto o comércio de produtos industrializados, como o de Vera, exemplifica o *desencaixe*, cuja a confiança é depositada em sistemas abstratos e fichas simbólicas como o rótulo e a marca, a prática de Liliane representa um exemplo de *reencaixe*, ao reconstruir a confiança por meio da relação pessoal, da reputação e da conexão direta com a origem do saber. Isso evidencia que a modernidade urbana não resulta em uma substituição completa, mas em uma sobreposição de lógicas.

A principal contribuição deste artigo reside no aprofundamento socioespacial do estudo dos saberes medicinais, ao focar nas territorialidades, a pesquisa demonstra que a sobrevivência dessas práticas não é apenas uma questão de transmissão cultural, mas uma explícita luta por espaço na cidade. Essa disputa se manifesta em um paradoxo central da urbanização em Goiânia, à medida que a pressão imobiliária encolhe o espaço físico do quintal, sua importância simbólica como lugar de memória e autonomia parece se expandir. Em contrapartida, a rua, ao mesmo tempo que oferece visibilidade e viabilidade econômica, impõe o risco da fragmentação e da descontextualização do saber. A contribuição para a arquitetura e o urbanismo reside, portanto, na urgência de se reconhecer essas práticas populares e seus espaços como elementos legítimos na construção da paisagem urbana promotoras de saúde na cidade contemporânea.

Reconhece-se, contudo, as limitações deste estudo. Sendo uma investigação qualitativa e etnográfica, seus achados oferecem uma perspectiva sobre os casos estudados, mas não permitem generalizações para toda a cidade de Goiânia. Estudos comparativos com outras metrópoles brasileiras, que possuem diferentes contextos de comércio popular, poderiam enriquecer a compreensão do fenômeno em escala nacional. Ademais, uma análise aprofundada das políticas públicas de planejamento urbano e saúde coletiva poderia investigar como estas poderiam apoiar e regular essas práticas de forma a valorizar seu potencial cultural e terapêutico, sem suprimir sua autonomia.

Finalmente, mapear essas práticas do quintal à rua revela mais do que o percurso das plantas medicinais, demonstra uma face da cidade brasileira. Sob um discurso de modernidade, persistem e se reinventam saberes e práticas que tecem e fomentam redes de cuidado e coletividade, demonstrando que a paisagem urbana é um palimpsesto continuamente reescrito por seus habitantes de formas criativas e inesperadas. O estudo do quintal à rua nos ensina, finalmente, que a cidade mais

Figura 8 - Esquema das dinâmicas socioculturais encontradas na pesquisa de campo no Centro de Goiânia, revelando os múltiplos sujeitos e transformações de valor no percurso. Fonte: Do autor, 2025.

verdadeiramente moderna talvez seja aquela que aprende a valorizar e a fazer as pazes com seu próprio quintal.

Agradecimentos

À Maria Ferreira de Sousa, Liliane Dias dos Santos e Vera, por gentilmente, compartilharem suas memórias e informações sobre o trabalho que realizam. Este trabalho foi realizado com apoio e financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq).

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Mulheres rurais: a descoberta e conquista da cidadania pela valorização dos quintais. *Revista GeoNordeste*, São Cristóvão, ano XXVII, n. 2, p. 138-161, jul./dez. 2016. ISSN: 2318-2695.

AMARAL, Marília. Oralidade e memória social no ofício de raizeira e raizeiro do Cerrado. *Revista Eletrônica Trilhas da História*, Três Lagoas, v. 13, n. 26, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.55028/th.v13i26.20446>>. Acesso em: 29 de janeiro de 2025.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina Rústica*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004.

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo: exercícios de paisagem*. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.11-66, 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. *RURIS (Campinas, Online)*, Campinas, SP, v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.53000/rr.v1i1.643. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16758>>. Acesso em: 2 set. 2024.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. P. 35-198.

COSTA, Benhur P da. As relações entre os conceitos de identidade, território e cultura no espaço urbano: Por uma abordagem microgeográfica. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato, *Geografia: Temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

CLÉMENT, Gilles. *Jardins, paisagem e gênio da natureza*. Salvador: EDUFBA, 2024. CLIFFORD, James; MARCUS, George. *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens: EdUFRJ, 2016. 388 p.

DI STASI, Luiz Claudio. *Plantas medicinais: arte e ciência*. Um guia de estudo interdisciplinar. 1ª reimpr. São Paulo: Editora Fundação Unesp, 1995. ISBN 85-7139-117-3.

DOURADO, Guilherme Mazza. Vegetação e quintais da casa brasileira. *Paisagem e Ambiente*, São Paulo, Brasil, n. 19, p. 83–101, 2004. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.v0i19p83-101. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/paam/article/view/40221>>. Acesso em: 1 maio. 2025.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: Saberes e Práticas. *ILUMINURAS*, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. DOI: 10.22456/1984-1191.9301. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>>. Acesso em: 6 mar. 2023.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. [S. l.]: Elefante, 2017.

FORTUNA, Carlos. (Micro)territorialidades: Metáfora dissidente do social. *Terra Plural*, Ponta Grossa, PR, UEPG, v. 6, n. 2, p. 199-214, jul./dez. 2012.

GARCIA, Azenaide Lopes Pereira; FAGUNDES, Maria Dailza da Conceição. O Mercado Central de Goiânia na trajetória histórico-cultural goianiense. *Cultura, Identidade e Região*, v. 13, n. 1, p.171-196, 2023.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os patrimônios e o tempo. *Ciência Hoje. Revista de Divulgação Científica da SBPC*. Suplemento Trimestral. Rio de Janeiro, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

LIMA, Gabriel Aires Peixoto de. *Apagamentos, resistências e transformações dos saberes medicinais com plantas em Goiânia*. 2025. 155 f. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.

LOTIERZO, T.; HIRANO, L. F. K. Jogos de barbante, linhas, amarrações e outras figuras na composição de etnografias escritas e sensoriais. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 24, n. 64, 2023. DOI: 10.22456/1984-1191.132416. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/132416>>. Acesso em: 21 nov. 2024.

MACHADO, L. H. B. *Raizeiros de Goiânia: as representações entremeadas nos usos e nas redes de distribuição e comercialização das plantas medicinais em Goiânia - GO*. Orientadora: Maria Geralda de Almeida. 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, out. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092002000200002>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2025.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia urbana. In: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. (Orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 101-114.

MAHLER, C. R.; MELLO, F. A. O. *De Mercado Municipal Vila Operária a Mercado Municipal Centro-Oeste: tempo, história e arquitetura*. Revista Jatobá, Goiânia, v. 2, 2020. DOI: 10.54686/revjat.v2i.65709. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/65709>>. Acesso em: 7 jan. 2024.

MELLO, M. M. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Ed. da UFG, 2006.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim; CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Sujeitos não desejados no espaço planejado: disputa de territorialidades na construção de Goiânia. Territorialidades na América Latina / Maria Geralda de Almeida*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás/FUNAPE, 2009.

RIBEIRO, R. F. A medicina no sertão: uma "garrafada" de ervas e tradições. In: IORIS, E. (Coord.). *Plantas medicinais do cerrado: perspectivas comunitárias para a saúde, o meio ambiente e o desenvolvimento sustentável*. Mineiros: FIMES, 1999. p. 174-175.

SANTOS, Liliane Dias dos. Depoimento. Entrevista cedida a Gabriel Lima. Entrevista concedida para a pesquisa de mestrado sobre as práticas contemporâneas com plantas medicinais. Goiânia, 2025.

SOUSA, Maria Ferreira de. Depoimento. Entrevista cedida a Gabriel Lima. Entrevista concedida para a pesquisa de mestrado sobre as práticas contemporâneas com plantas medicinais. Goiânia, 2024.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de et. Al. (orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

TOURINHO, Helena Lucia Zagury; SILVA, Maria Goreti Costa Arapiraca da. Quintais urbanos: funções e papéis na casa brasileira e amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 11, n. 3, p. 633-651, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981.81222016000300006>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

VIU, Alessandra F. M.; VIU, Marco Antônio de Oliveira; CAMPOS, Letícia Zenóbia de Oliveira. Etnobotânica: uma questão de gênero?. *Revista Brasileira de Agroecologia*, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 138–147, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/rbagroecologia/article/view/49060>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

,